

'Lula não é nenhum ferrabrás', diz FHC em Lisboa

45

Com essa expressão, que traduziu como 'radical', presidente volta a dar aval político a sucessor

DIANA FERNANDES
Enviada especial

LISBOA — No esforço de garantir a políticos e investidores estrangeiros que o Brasil continuará tendo, a partir de janeiro, as mesmas condições de hoje, o presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem, em entrevista ao jornal português *Diário de Notícias*, que o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, "não é nenhum ferrabrás" (radical, como explicou depois). Uma convicção que tem sobre Lula, e não exatamente em relação ao PT, explicou depois em entrevista a jornalistas brasileiros.

"Acho que o instinto básico dele (Lula) nunca foi de ferrabrás. Não diria o mesmo do partido. Mas o dele nunca foi", afirmou o presidente. Para ele, o novo governo não promoverá nenhum tipo de ruptura. E essa convicção "decorre de duas coisas: a força das instituições brasileiras e o comportamento dele (Lula)". Traduziu, então, o significado de "ferrabrás": "Alguém que vai ter uma atitude radical, violenta, que vai tomar decisões mudando tudo de repente, castigando."

Na entrevista aos jornalistas brasileiros, antes de participar de um ato do setor empresarial em sua homenagem, FHC comentou a promessa do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) de promover novas invasões antes da posse de Lula. A eventuais invasões, o governo dará o mesmo tratamento que vem dando, afirmou. "Só tenho um mês de governo. Pobre é quem vai ter mais quatro anos, que vai ter de se haver com o MST, não eu."

O presidente não quis avaliar se o MST, tradicional aliado tradicional de Lula, ou o próprio PT poderiam prejudicar o novo governo com atos mais radicais. "Não quero prejudicar, não sei como será o comportamento. Por enquanto, quem tem feito declarações é o presidente Lula. Não ouvi declaração do partido que fosse discrepante das declarações do Lula. Tenho de fazer a aposta pelo melhor, não pelo pior." Mas recomendou que o novo presidente faça distinção entre os interesses da sociedade e os do seu partido.

Fora da política — "O presidente precisa se separar, em certas circunstâncias, dos interesses partidário. Quem é eleito presidente é presidente de todos os brasileiros e não de um segmento. Se eu fosse atuar como presidente de um segmento, teria atuado na campanha eleitoral de outra maneira, como fizeram muitos no passado, usando a famosa máquina administrativa. Sou contra isso. Quem recebe a investidura do povo brasileiro tem de atuar como representante do conjunto das aspirações do povo. Aliás, ouvi do Lula algo semelhante."

Fernando Henrique voltou a repetir o que tem dito desde que chegou a Portugal no final de semana sobre seu futuro: não pretende disputar outra eleição. "Não existe possibilidade. É uma convicção que não vem de agora. Tenho dito sempre, sem criticar qualquer ex-presidente, que no meu caso, tendo exercido duas vezes e tendo perspectivas e oportunidades de outra ordem, na própria vida internacional e pública, não é conveniente nem para mim nem para o País que eu fique pensando, atuando ou usando de artimanhas para algum dia voltar a ser candidato."

Evitando polemizar com o presidente do PT, José Dirceu, que teria duvidado de sua intenção de não aumentar a meta do superávit primário em possível renegociação do acordo com o FMI, Fernando Henrique apenas repetiu o que dissera antes: "Disse que tanto eu quanto Lula não queríamos saber de aumento do superávit. Foi alguém do PT quem disse que a meta podia chegar a 5%. Eu não disse que o Lula disse isso, até porque a opinião do Lula é exatamente igual a minha: não é o momento de discutir essa matéria. Não há razão para discutirmos o superávit."